

DON QUIXOTE

de Angelo Agostini
Largo da Carioca n.º 4 (Sobrado)



— E chama-me teu cornaca!... Este corsario é muito atrevido!
— E eu, não ha insolencias maiores do que... Uf! Muito custa ganhar a vida.

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 3 de Agosto de 1901

Escriptorio e Redacção
LARGO DA CARIOCA N. 4
SOBRADO

—):—

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	25\$000	Anno.	30\$000
Semestre	14\$000	Semestre	16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000			

EXPEDIENTE

AVISO

Agradecendo aos Srs. assignantes que tiveram a bondade de escrever-nos sobre a sua mudança, ou não mudança, de domicilio, o que nos habilita para a remessa da folha, pedimos aos que ainda o não fizeram a bondade de nos participar, escrevendo-nos, sem o que teremos de suspender a remessa da folha por ignorarmos se é ou não recebida pelo assignante.

As cartas devem ser dirigidas a Angelo Agostini, largo da Carioca n. 4, sobrado, Rio de Janeiro.

CHRONICA

E venham ainda fallar em crise e miseria, venham ainda dizer que estamos todos sem vintem, tentem ainda consolar-me da magreza de minhas algibeiras com a tal historia de quebradeira geral.

Pois sim.

A crise é para mim, pobre chronista, que conhece o dinheiro gordo por informações e só tem relações passageiras com vintens magros, que apenas passam pelas suas mãos.

Mas isso não acontece com todos.

Os leitores foram ao Lyrico?

Viram? — Eu fui e vi. Fui apesar de não ter um X porque o chronista na sua qualidade de pobre diabo, entra de meicacara em toda parte.

Assim fiz eu. Enfiei-me na gloriosa casaca que viu o general Rocca, e, democraticamente, de bond, agasalhado no sobretudo, lá fui.

Ceguei e enquanto a multidão burgesia se acotovellava na bilheteria, enquanto os ricos e figurões apresentavam

aos porteiros bilhetes e senhas, eu passei com uma leve inclinação de cabeça conscio do meu papel de jornalista e de que a imprensa é uma alavanca.

Na sala, que deslumbramento! Quantas luzes, quanta gente, que bellas *toilettes*, que relampejar de diamantes e diamantes.

Ainda dizem que não ha dinheiro.

E a sala do Lyrico cheia e as damas cobertas de setins, de joias e os carros a chegar e aquella atmospheria de luxo a embriagar o chronista.

A crise é para alguns.

Emfim já é um consolo vêr que nem todos andam na espinha. E que deslumbramento para o chronista, que vai de graça, de bond porque tem «passe», vêr que ha tanta gente que paga e vae de carro. Vêr tanta seda que custou dinheiro, tanta joia que não está no prego.

Ainda bem que não está tudo perdido.

GATINHO.

CONFEDERAÇÃO HELVETICA

Passou no dia 1 do corrente o 80° anniversario da fundação da Confederação Helvetica, baluarte da democracia e fonte purissima de sã e universal justiça no meio das luctas e manobras politicas da Europa,

O Brazil, paiz novo, democratico pela sua essencia, que mantem religiosamente as tradições de politica honesta legada por seus maiores, e procura no governo federativo o seu engrandecimento; o Brazil que conta entre as suas datas nacionaes a de 14 de julho, como um marco de democracia e liberdade, devia tomar vasta parte nesta commemoração, e fazendo-o, prestou homenagem a um povo livre, que se governa pelo saber e patriotismo de seus filhos.

E' comprehensivel e justa a homenagem da Republica Brasileira ao modelo das Republicas. A ella se alliou o primeiro magistrado da nação acompanhado de seus secretarios e ministros.

O *Don Quixote* apresenta tambem respeitosa homenagem ao Sr. Raffard, digno representante da Suissa na Capital Federal.

A missão de Rudini

Ha muitos annos o problema da colonisação do Brazil é o pesadelo dos estadistas e a sanguisuga dos cofres publicos, sem que possamos colher della resultados

praticos, que venham'melhorar a situação, correspondendo aos enormes sacrificios.

Muito se tem discutido, muitos alvitreos tem sido apresentados e aprovados, muito se tem feito e o problema continúa insolúvel, as queixas augmentam de diapação, o mal não cessa e a elle se vem juntar outros males provenientes das medidas tomadas. Cada anno que passa esgota consideravel somma de recursos arrancados ás nossas pobres finanças, faz com que milhares de trabalhadores e principalmente de ociosos desembarquem no Rio e em S. Paulo, e terminam os doze mezes sem melhorar a situação, sem fazer progredir a população, trazendo como unico effeito patente e deploravel o augmento perigoso de ociosos, trazendo augmento de miseria e de fome.

Porque?

Como evitar o mal? Como fazer a colonisação util, proveitosa, trazendo vantagens ao Brazil e aos desgraçados que se exilam na busca de pão?

E' o que até hoje não se conseguiu resolver e todo o mal continúa e cresce pelo modo illogico e defeituoso porque a colonisação é feita, pela falta de espirito pratico que tem presidido a esse trabalho.

Os immigrants têm sido introduzidos no Brazil do seguinte modo:

As empresas ou os encarregados do governo contractam com grandes promessas os trabalhadores ou desoccupados que se lhes apresentam.

Esses chegam, desembarcam no Rio ou em Santos, e começam a luctar com as difficuldades de hospedagem e transporte; na sua maioria não tem officio nem conhecem os trabalhos do campo. Por fim chegados a S. Paulo são contractados por fazendeiros para fazer a colheita do café, mediante uma soldada qualquer; findos os trabalhos da colheita o colono, sempre mal pago e muitas vezes não pago, é dispensado.

Que ha de fazer o pobre diabo sem trabalho, num paiz extranho, isto é, na mesma situação em que se achava na sua patria, sem a vantagem das relações e o costume? Voltam ao Rio e depois de vagar algum tempo pelas ruas, dormindo ao relento, partem amaldiçoando a nossa patria.

Toda a gente sabe que durante o anno inteiro uma centena desses infelizes dor-

me pelas calçadas, na praça 15 de Novembro e adjacências.

No fim de um periodo mais ou menos longo, obtem por fim o repatriamento. Voltam á Italia ou á Austria e perdemos nós a passagem desses falsos colonos, o tempo e as negociações, não contando o credito, porque naturalmente, esses que assim voltam, vão desanimados, fazer sincera e comprehensivel propaganda contra a nossa terra, da qual levaram tristissimas recordações. A maioria dirige-se de pois, ou mesmo daqui para a Republica Argentina.

Agora uma das mais sympathicas figuras da politica italiana, o Marquez di Rudini espirito patriótico esclarecido, acha-se entre nós tratando de estabelecer para o Brazil uma colonia emigratoria logica e racional que parece destinada a resolver o intrincado assumpto. O plano do Sr. de Rudini, trata não só de trazer o colono, como já se tem feito sem resultados, mas de fixal-o no Brazil. O plano é tão grandioso quanto simples. O Sr. de Rudini vai a S. Paulo, como representante de poderoso syndicato, comprar grandes terrenos que serão vendidos, em lotes, aos colonos, escolhidos entre camponeses, e que pagarão a compra em prestações.

E' inutil encarecer as vantagens desse plano que obriga o colono a aclimar-se e o prende a nossa patria pelo amor a terra que em pouco tempo se torna sua.

Alem disso os colonos proprietarios, independentes das rotinas e dos preconceitos de nossos lavradores tratarão de empregar no nosso uberrimo solo os conhecimentos naturaes, fazendo a cultura do trigo e de outros cereaes, que até hoje importamos.

O governo tem recebido o Sr. de Rudini com patriótico e esclarecido carinho, mostrando-se disposto a facilitar por tudo quanto esteja ao seu alcance a immensa tarefa. Oxala possa muito em breve começar a sua realisação e possamos colher afinal beneficios da colonisação.

FILTRAÇÃO CENTRAL

Foi apresentada ao Congresso Nacional uma proposta para a execucao de um serviço ha muito reclamado nesta capital para melhoramento de suas condições sanitarias. Trata-se da filtração central das águas que abastecem o Rio de Janeiro, as quaes no estado impuro em que são

distribuidas á população, isto é, contendo grande quantidade de detritos e materias organicas em decomposição, tornam-se agentes de infecção e nessas condições offerecendo meio facil de cultura e proliferação dos microbios, constituem-se vehiculo de transmissão de molestias inficiosas, entre as quaes se acha a febre amarella.

A proposta está assignada pelos Srs. engenheiros Francisco Pereira Passos e Francisco de Oliveira Passos, o primeiro dos quaes occupa-se desde alguns annos do assumpto, e o segundo, seu filho, voltou ha pouco da Allemanha, onde recebeu o diploma de engenheiro civil pela Escola Polytechnica de Dresden, tendo alli tambem estudado a questão.

Pretendem os proponentes executar o serviço por meio de uma empreza que será remunerada com o producto de uma taxa adicional sobre o consumo dagua, cobrada peio governo a contar do dia em que a população entrar no gozo da agua filtrada e por elle entregue semestralmente á empreza. Os aparelhos de filtração serão de systema aperfeiçoado até hoje conhecido, que produzam agua tão como a obtida por aparelhos semelhantes nas grandes cidades da Allemanha ou da Inglaterra. Serão construidos no prazo de tres annos, junto a cada um dos reservatorios de distribuição hoje existentes, mas fóra dos mesmos reservatorios, e sem prejudicial-os, passando a agua destes para os filtros, e dos filtros para a rede de distribuição.

A proposta, merece toda a attenção. Com a filtração central conseguir-se-á senão extinguir a febre amarella, como se speram os auctores da proposta e não contestamos, ao menos dar agua limpa á população, e distribuir maior quantidade, pois não se perderá tanta como actualmente acontece pela obstrucção dos encanamentos.

E' uma empreza necessaria e grandiosa que se apresenta amparada pelo nome illustre de um dos engenheiros mais competentes e energicos do Brasil.

Os poderes publicos, esperamos não desprezarão esta occasião de dotar o Rio de Janeiro de um melhoramento utilissimo que virá immediatamente trazer incalculaveis beneficios a população da bella capital da Republica, tão prejudicada e humilhada como a fama de insalubre.

A «Gazeta»

Porque não chamal-a assim simplesmente a *Gazeta*, com a familiaridade que permite uma sympathia antiga, uma amizade antiga, uma amizade de todos os dias?

A *Gazeta de Noticias* completou hontem 28 annos e entretanto é sempre moça; a garridice, a graça trefega e ligeira que é apanagio da mocidade fica-lhe bem e o Henrique esbanjando o bigode a torto e a direito e o João com fama de *velhinho* no nome e o Serzelello e o Parlagrecco e todos enfim, todos os bellos camaradas e os jornalistas encantadores da casa de Ferreira de Araujo são e serão eternamente os rapazes da *Gazeta*.

A elles, ao bello jornal tão democratico, tão litterario, tão cheio de vida e alegria, o *D. Quixote* envia a affectuosas homenagens.

Garatujas

Bem se diz que o raro é sempre perseguido; ora vejamo que aconteceu aquelle nosso amigo argentino que nesse tempo de papel queimado deu-se ao luxo de ter dinheiro em ouro.

O homensinho quiz ir ao *Moulin Rouge*, tinha varias libras esterlinas no bolso, chegou a bilheteiria, pediu um camarote e deu em pagamento uma das reluzentes moedas.

O bilheteiro pasmou. Que diabo de medalhinha amarella era aquillo com que o espectador pretendia pagar? Aquillo lá podia valer alguma cousa. Dinheiro é um pedaço de papel sujo com bonecos e numeros em que a gente vê o palpite do bicho para o dia seguinte. Que historia seria essa de metal amarello?!

Por acaso passava um desses homens versados em dictionarios, que entendem de tudo e explicou. Aquillo era dinheiro com effeito; na Inglaterra ha falta de papel então fazem dinheiro de metaes—chegam a fazel-o de ouro.

O bilheteiro hesitava ainda.

—Palavra!

—Juro por Deas nosso Senhor. Olhe... por esta cruz—e beijou dous dedos cruzados.

A vista d'isso era impossivel duvidar.

Dar troco é que foi sacrificio, pois havia de dar dinheiro, do bom, do verdadeiro, em notas esfarrapadas, em troca



Zé não ouvia mais as doces palavras de Memé que se collocára fóra do alcance dos espirros. Na duvida se ella estaria ainda perto d'elle, Zé abriu o olho direito; não vio nada desse tado.



Abriu o esquerdo; também nada! Teria ella ido embora?!



Porém Memé, que tem bom coração, chegou-se de novo a elle e resolveu assoal-o. Involuntariamente, Zé mexeu-se e abriu os olhos. Memé assustou-se e convulsivamente apertou-lhe o nariz.



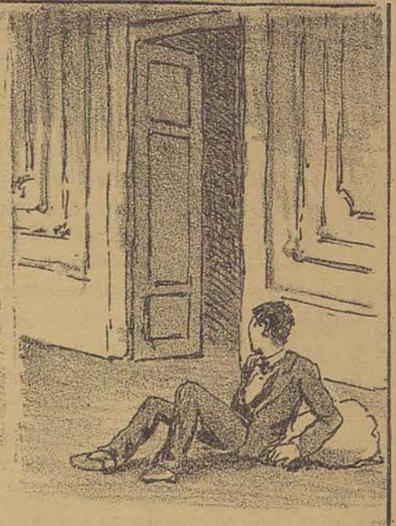
— Ai! gr... Zé, que sentio viva dor, consequencia ainda do maldito... — Ai! respondeu Memé, assustada; e soltando o... levantou-se.



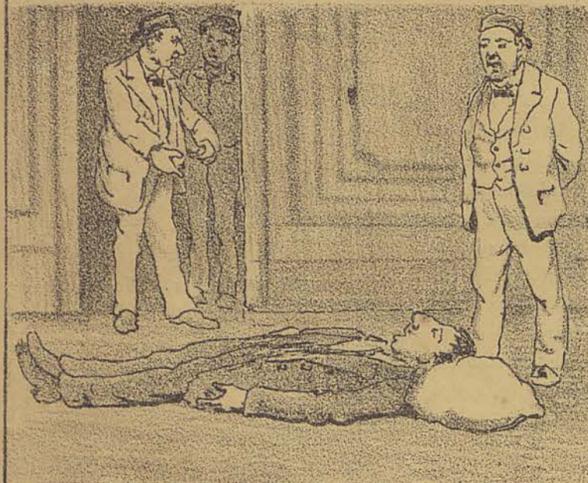
Comprehendendo que não podia mais fingir-se desmaiado, precipitou-se aos pés de sua amada. Esta, meio espantada, embaraçada e sem comprehender tamanha mudança, tomou a resolução de fugir.



— Ora pilulas! disse Zé desapontado. — Perder tão boa occasião... mas, ahí vem gente,

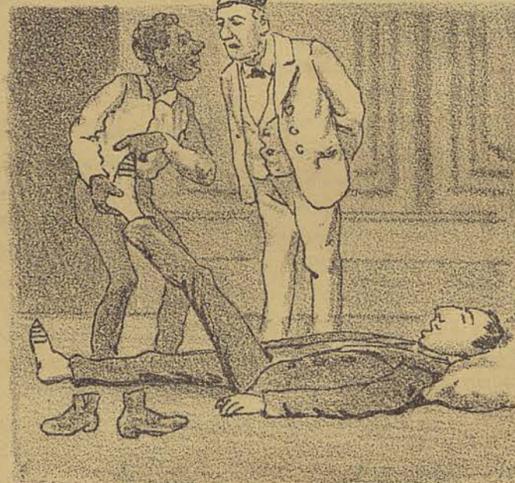


e, voltando para o seu lugar, estendeu-se novamente no chão.

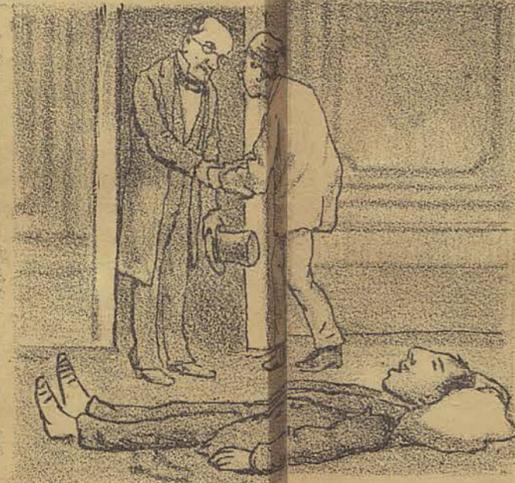


— E' preciso despi-o e leval-o para a cama, disse o barão, entrando.

— Homem! isto é esquisito!... Ha pouco os pés estavam virados para o lado da janella e agora estão defronte do sofá!?



— Meu sinhô, as botinas tavão mojadas só por fóra e as meias stão inxuto. — Hom'essa! Zé não contava com tantos cuidados; comprehendia que a sua posição complicava-se; estava em talas!



A' entrada de um medico Zé não pôde reprimir uma... — Estou perdido! Engo mais difficil... Não importo



mandaram chamar; ta de espanto. um medico é cousa ou tentar.

O doutor mandou incontinentemente que o fossem deitar.



Applicaram-se todos os meios de o chamar á vida; o que se conseguiu quando Zé entendeu dever voltar a si. — O pulso está ainda um pouco fraco, porém com o remedio que receitei, elle passará muito bem esta noite.



— Então, que diz, doutor? — Homem... Por hora não digo nada; amanhã voltarei para ver se houve alguma novidade.



Ao fechar a porta, entrou o primo Juca, que vinha do theatro. O barão contou-lhe tudo e pediu que vigiasse Zé durante a noite.



— Boa estopada... Pois não!... Estou lá para massadas... Vou dormir. Zé, que vira entrar o seu rival, fingio que estava dormindo e virou-se para a parede.



O primo deitou-se e não tardou a roncar. De repente, Zé sentou-se na cama; parecia-lhe ouvir pronunciar o seu nome n'uma conversa bastante animada.



Para certificar-se melhor, levantou-se, e poz-se a escutar. As vezes parava do fundo do corredor.



Para melhor ouvir, Zé resolveu chegar até a porta, pé ante pé. Por precaução, apagára a luz do seu quarto, afim de que o primo, caso acordasse, não desse pela ausencia,



e collocando o ouvido no buraco da fechadura, verificou que o quarto era do barão. Pela conversa que ouviu, pareceu-lhe que o seu suicidio não era tomado muito ao sério.



Zé pensou logo em recolher-se para o seu quarto, vestir-se e pôr-se ao fresco. Infelizmente apagaram a luz e o nosso heróico viu-se mergulhado em trevas profundas e medonhas.



Sim, medonhas porque serião a causa de um horrivel acontecimento! Depois de ter andado ás apalpadellas, Zé entrou n'um quarto que não era o seu. Fatalidade!...

daquella medalhinha. Em fim sempre deu, mas depois arrependeu-se.

Não, positivamente era muito duro; ficar com aquella porcaria, aquillo lá era dinheiro! Podia ser, porém falso, falsissimo, que só o papel é dinheiro de *verdade*.

E lá foi parar no xadrez o infeliz que teve a desdita de possuir nma libra esterlina n'uma terra em que os bilheteiros não sabem que isso é.

Que se ha de fazer? Ha tanto tempo a gente não vê d'isso.. desacostuma-se...depois extranha.

CHICO ARANHA.

O NOSSO CAFÉ

Essa questão de café é inexgotavel constituindo um problema importantissimo que está muito longe de ser resolvido. Ha muito já nos manifestamos a respeito censurando a teimosia basear todo o futuro em e renda do Brazil unicamente sobre o café e prevendo que de tantos e tão repetidos auxilios ao desenvolvimento da lavoura resultaria a superabundancia da produção, causando a depreciação do genero e crise de novo genero.

Em todo o caso já que hoje milhares e milhares de braços se oocupam a produzir café, devemos com afan tratar de exportal-o e é natural que nesse sentido se voltem as nossas atencões para o melhor mercado d'esse genero — o dos Estados Unidos.

Assim foi factó notavel na semana a conferencia realisada na Associação dos Empregados no Commercio pelo Dr. Assis Brasil, ministro plenipotenciario do Brasil nos Estados Unidos, sobre o commercio de café, especialmente na America do Norte, e sobre os meios de promover a alta do preço do producto e a consequente melhoria das actuaes condições da lavoura brasileira e do paiz em geral.

Foram pelo orador estudados detalhadamente os seguintes pontos: commercio de café nos Estados Unidos, sua importação, seu preço e seu consumo por habitante; relação entre esses dous factores; bolsa do café de Nova York, e modo, por que nella se realisam as transacções sobre o genero; fraudes que têm logar; finalmente, medidas que o orador julga convenientes e cuja adopção acha necessaria para ser obtida a valorisação do principal producto de exportação do Brazil, e para

se conseguir a rehabilitação completa do credito do paiz.

A palavra competente do Dr. Assis Brasil foi ouvida attentamente por numerosa concurrencia.

Ainda bem que as mais graves questões que se referem de perto á vida nacional, já vão despertando o interesse das classes trabalhadoras e parecemos entrar n'uma senda de trabalho regular e logico, discutido em commum e emprehendido segundo os principios da razão e inspirados na experiencia.

Piadinhas

Se os arrependidos se salvam o padre Gouvea está salvissimo.

O reverendo um bello dia lembrou-se de que não era padre não era nada era um homem como os outros e fez como os cozinheiros que acabam por provar os pitões que preparam para regalo dos ontros.

A força de casar os mais veiu-lhe a agua a bocca e elle tambem quiz provar o fructo prohibido.

Via tanta gente, apesar da crise, da miseria geral! correr ao altar e ligar-se pelo sagrado nó...

— Isto deve ser cousa muito bôa, dizia elle com os seus botões.

E não esteve com uma nem duas, atirou a batina para as ortigas, como se diz em bom portuguez, e foi pedir a um ex-collega que lhe fizesse o que tantas vezes elle fizera aos mais.

Não encontrou nenhum que o quizesse; todos bradavam aos céus e se recusavam. O padre adheriu a Republica e foi ao pretor.

Fez-se a cousa.

E agora o reverendo volta á igreja abandona a mulher (não sei se teve tempo de arranjar filhos) e vai pregar noutra freguezia.

Porque?

Qual a razão d'esse arrependimento tardio. Não gostaria elle a vida do lar. Hum! ahi ha cousa.

Querem ver que a noiva não era orphã e o reverendo conhecendo a respeitavel especie-sogra — descoroçoou...

Tudo é possivel.

Mas agora! Póde tornar a vestir a batina, póde arrepende-se, penitenciar-se mas o peor é que no matrimonio ha cousas sem remedio...

E este padre depois de desistir do casamento ainda terá coragem de casar alguem?

Mysterio.

Tico-Tico.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos:

O *Rio Nô* — Os dous ultimos numeros desse alegre e espirituoso collega.

— O ultimo do brejeiro *Coió*.

— A *Rhinite Spasmodica Periodica* e a sua modalidade no Rio de Janeiro. Memoria apresentada ao 4.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgica realizado no Rio de Janeiro em 1900, pelo dr Francisco Eiras.

— *Il Bersaglieri* — n. 56. Traz o retrato do mallogrado rei Humberto I; bellos artigos e bom noticiario.

— Catalogo e Regulamento Interno do *Gremio Literario Carlos Ferreira*, do Amparo, elegante volume em que se vê que a sympathica associação possui hoje substancial bibliotheca que muito a honra, possuindo as mais importantes obras de litteratura classica e contemporanea.

THEATROS

SYMPHONIA

Ha por ahi uma seita philosophica, ou que melhor nome tenha, que se intitula «evolucionista».

E' suggestiva na verdade a epigraphe, — ampla e profunda Não é irristivel, poderosa e fatal a força da evolução?

Parecerá estranho trazer esse assumpto á columna theatral; entretanto a illação veiu naturalmente ao espirito do chronista obrigado a acompanhar o movimento geral, a reforma que se está fazendo, ou antes, está feita nas cousas de theatro da capital carioca.

Não tínhamos, o que se chama, em todas as cidades do mundo, — a estação theatral e não a tínhamos pela simples razão de que nesta abençoada terra a regularidade das estações é cousa muito problematica e duvidosa.

No tempo de nossos avós não havia espectáculo todas as noites; os theatros se abriam em determinados dias da semana e isso durava o anno inteiro; depois o publico se foi tornando mais theatreiro e passou-se a epocha feliz em que diariamente varias casas de espectáculo regorgitavam.

Vieram as vacas magras; por esta ou aquella razão, que ainda não foi sufficientemente explicada pelos entendidos, o publico mingou e, em se tratando de companhias nacionaes a bilheteiria só colhe alguns magros vintens aos sabbados e domingos.

Pareci-mos voltar ao principio; mas a evolução fez-se pela força das cousas. O marasmo dura de Dezembro a Maio — meio anno. — Na outra serie de mezes ha theatro. O que falta num semestre superabunda no outro. As companhias estrangeiras vem como as andorinhas e os deprimidos e durante alguns mezes a secção theatral dos jornaes cresce, os theatros todos são occupados e o publico apparece mais ou menos.

A chronica acompanha a evolução — faz parte da estação theatral. Mingua quando não ha nada a dizer e avulta quando pululam as «primeiras» e os theatros todos funcçãoam.

Agora que já temos na terra a companhia do Souza Bastos, ha mais de 2 mezes, e estreou uma de zarzuelas dando primeiras representações quasi diarias e o Lyrico está aberto.

O assumpto não falta, avante chronista, multiplica-te para ver tudo, enche papel, muito papel para tratar de tudo.

*

Começemos pelo Lyrico que tem a primazia como theatro caro, que dá o tom, constiue a nota brilhante do anno, movimentada as altas classes, o high-life e as bolsas gordas.

O Lyrico, pesadello dos papães, raiva dos maridos, que uma vez por anno, reune em fausto a melhor sociedade, provoca os vestuarios esplendidos, faz sahir dos escriptorios avelludados, do fundo das gavetinhas perfumadas os diamantes rutilos.

A energia e coragem inquebrantavel de Sansone mais uma vez venceu. Essa empreza terrivel de trazer ao Rio de Janeiro, nessa epocha de crise companhias lyricas, essa empreza apavorante que matou Mancinelli ainda não desanimou Sansone; discutido, guerreado, insultado por vezes, o audacioso empresario não perdeu ainda fé, tem ainda confiança no nosso publico e a cada desastre parece interçar-se mais, ganhar mais forças contra a sorte. Ha um anno disseram muitos que nunca mais Sansone ousaria encarar as responsabilidades de nova empreza. Mais um fra-

casso viera abatel-o; os boatos cada vez mais dolorosos davam por exaustas as fianças publicas e particulares no Brasil; parecia loucura pensar numa estação Lyrica para 1901 — semelhante empreza deveria segundo a voz geral arruinar o visionario que tentasse leval-a avante.

Mas o cav. Sansone tinha fé. Partiu para a Italia, contratou artistas, abriu assignatura e o publico pagou-lhe na mesma moeda, — confiança por confiança, e a assignatura foi coberta.

Estreou a companhia, os fluminenses encheram o theatro e felizmente para todos a estreia foi auspiciosa.

Ainda bem.

Que o bom exito corde a audaciosa empreza e uma vez afinal Sansone colha louros e louros. A *Boheme* foi applaudida com delirio, o *Trovador* ainda despertou enthusiasmo.

Queira Deus, vá entre applausos e enchentes a temporada e que possamos por fim, ouvir a *Saldúnes* desse extraordinario Miguez, que soffre tanto; que ao menos o bafaje a gloria a que elle tanto tem direito chegue ao seu leito de dor como suprema consolação.

*

Gustavo Campos esse artista nervoso, febril quasi, porém animado por uma scintilla artistica poderosa, esse maestro regente que grangeou a sympathia do publico fluminense em uma temporada feliz ha 3 annos, no *Eden Lavradio* voltou agora a frente de uma companhia mais grave que parece desprezar os louros faceis o exito ligeiro da *Zarzuela chica*, para nos apresentar o repertorio chamado grande. O publico parece definitivamente preferir o outro genero onde ha mais novidades e mais alegria, mas não tem feito má cara aos garganteios e aos concertantes de Chapi e Arieta executadas seriamente.

Por enquanto tivemos a *Tempstade*, os *Madgyares*, *A Guerra Santa*, *Jugar com Fuego...* que não são positivamente cousas novas.

Mas a companhia traz um excellente tenor, um bom barytono, um baixo regular, bons còros, orchestra magnifica (que é toda nacional) e o publico tem sabido apreciar esse merito, indo ouvir respeitosa e velhas obras que cantadas a valer tem afinal sua graça.

*

A temporada da companhia Souza Bastos continúa feliz e animada.

Como previamos a comedia allemã *Viagem a Turquia* apesar de bem feita e regularmente representada não fez successo; apenas deu trez representações e cedeu immediatamente o logar a revista *Talvez te escreva* que de accordo com o seu papel de revista é inexgotavel, constituindo um recurso infallivel para a empreza, quando apanhada em falso.

Segunda-feira a companhia fez uma boa *reprise* da encantadora *Gran Duqueza*, que a Palmyra faz tão bem. Desta vez o *general Boum* não é dos melhores, em compensação o *barão Pup* é excellente.

O sympathico actor Gomes, que tem melhorado muito o seu trabalho, ha um anno, faz d'elle um typo muito comico, muito bem composto e admiravelmente sustentado com as exaggerações que nos impediam a applaudil-o sem reservas.

Oscóros continuam excellentes fazendo honra ao maestro Roque que não conheciamos e é digno de encomios.

*

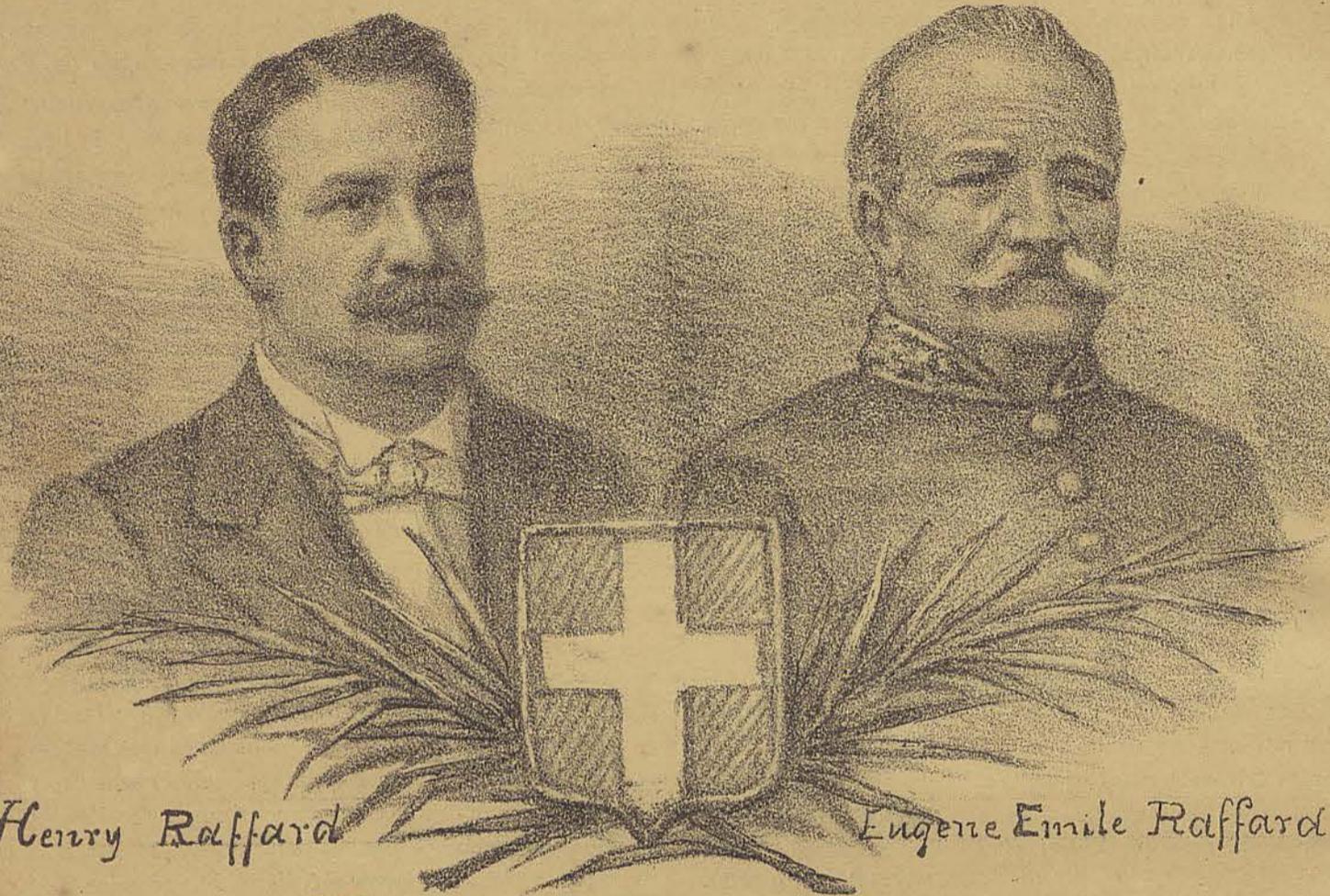
E para nada faltar a animação da estação theatral vamos ter um pratinho especial que ha muito tempo não nos servem — uma companhia franceza de opereta e opera comica, uma companhia a valer, completa, com bons artistas, còros e corpo de baile.

No mais — cafés cantantes que continuam muito animados, indo sempre na vanguarda o *Moulin Rouge*, sempre brilhante e apresentando novidades quasi diariamente.

Esta semana tivemos os Sanlor's trez hercules notaveis, fazendo trabalhos assombrosos e elegantissimos em argolas, os *Black and White* dous musicos eccentricos que são verdadeiros artistas e têm graça, e varias cançonetistas. Entre as que já faziam successo é sempre applaudida a Duchamps, cantora experta e graciosa, que já possui uma legião de admiradores e não abandona tão cedo o nosso publico.

EMILIO FOGUETE.

Aos Consules

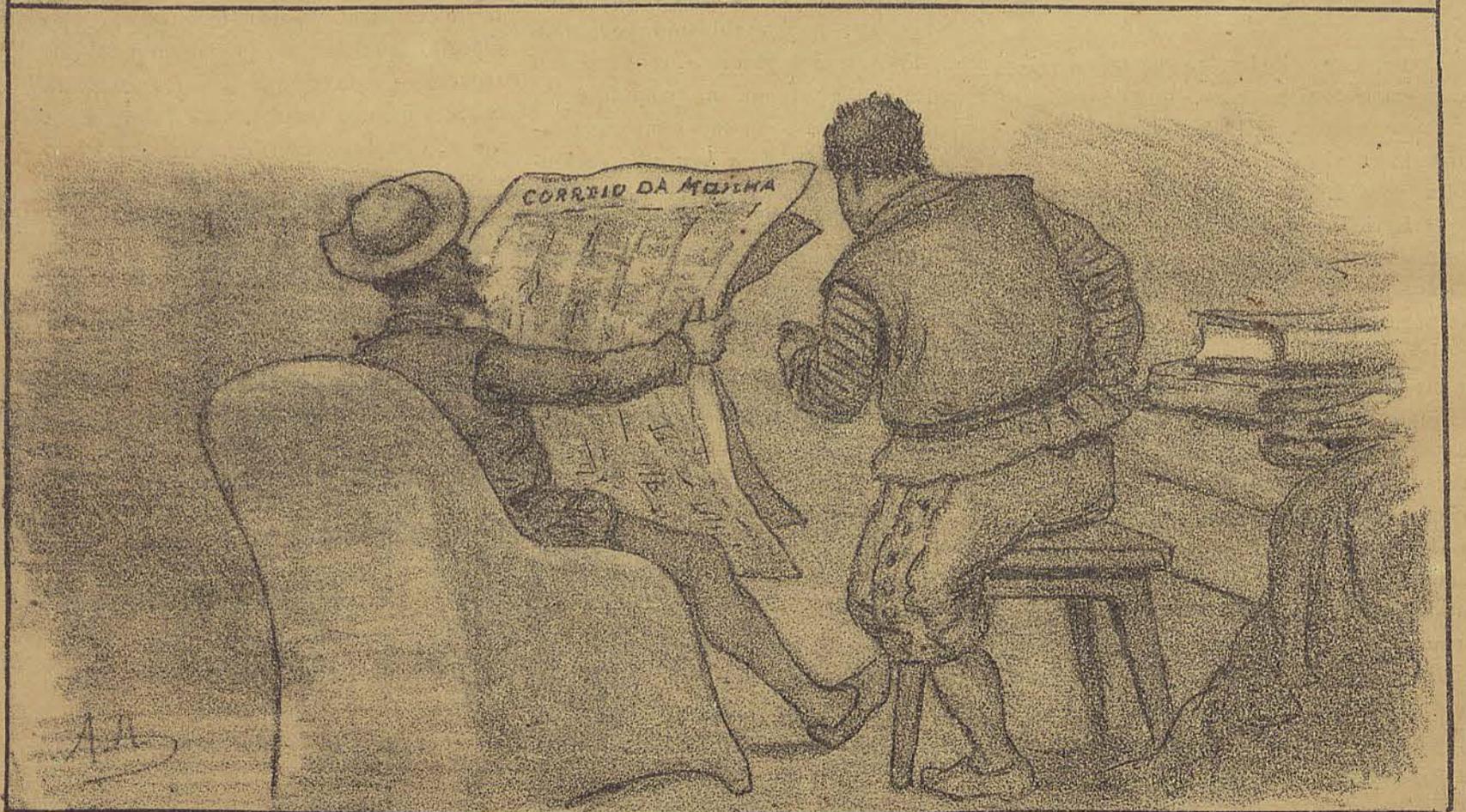


Henry Raffard

Eugene Emile Raffard

Homenagem à Suíça

AA



- Ninguém escapa; descompostura em todo o mundo e até...
- A nós,...
- A nós ainda não, mas não perdemos por esperar.